

PASSOS

litterae communionis

PÁGINA UM



“Quem é este?”

**Dia de Início de Ano dos adultos e dos estudantes universitários de Comunhão e Libertação
Mediolanum Forum, Assago (Milão), 28 de setembro de 2019**

“Quem é este?”

Dia de Início de Ano dos adultos e dos estudantes universitários de Comunhão e Libertação

Mediolanum Forum, Assago (Milão), 28 de setembro de 2019

Julián Carrón

Peçamos ao Espírito aquela pobreza de coração que nos torna disponíveis para nos deixarmos agarrar por Cristo.

Oh! vinde, Espírito Criador

Em uma entrevista recente, à pergunta: “Qual é a angústia mais frequente?”, o filósofo e psicanalista Umberto Galimberti respondeu: “Aquela causada pelo niilismo. Os jovens não estão bem, mas eles nem entendem o porquê. Falta o objetivo. Para eles, de uma promessa, o futuro se tornou uma ameaça”. E logo em seguida acrescenta: “Em 1979, quando comecei a trabalhar como psicanalista, as questões eram emocionais, sentimentais e sexuais. Agora elas dizem respeito à falta de significado” (U. Galimberti, “A 18 anni via da casa: ci vuole un servizio civile di 12 mesi”, entrevista de S. Lorenzetto, *Corriere della Sera*, 15 de setembro de 2019).

Parece-me que essas declarações identificam bem o desafio que todos estão enfrentando. Vemos isso diariamente, em nível pessoal e social, como constatamos nestes dias com o episódio sobre o fim da vida [refere-se à aprovação na Itália de uma Lei que facilita a eutanásia; *nde*]. A aposta em jogo é tão alta que não se pode tentar minimizá-la. Qualquer tentativa nesse sentido apenas confirma o quão decisiva é a partida.

Esse desafio não pode ser respondido com discursos teóricos, com um moralismo ou um sentimentalismo, que

deixam tudo na mesma. Aqui é chamada em causa, até a raiz, a experiência que cada um faz do viver. O próprio professor Galimberti é consciente, tanto que à pergunta: “Qual é o sentido da existência?”, ele respondeu: “Tenho que procurá-lo na ética dos limites, naquilo que os gregos chamavam de medida certa”. Todos podem verificar se essa resposta é capaz de preencher o “vazio de sentido” e enfrentar o niilismo que ele mesmo denunciou.

Não sei se esta resposta satisfaria um autor como Houellebecq, que em uma carta pública a Bernard-Henri Lévy escreve: “Para mim é penoso admitir que cada vez mais senti o desejo de ser amado. Um mínimo de reflexão convencia-me naturalmente, toda vez, do disparate de tal sonho: a vida é limitada e o perdão impossível. Mas a reflexão não podia fazer nada, o desejo persistia, e tenho que confessar que persiste até hoje” (F. Sinisi, “Michel Houellebecq. ‘A vida é rara’”, *Passos*, ago/2019, p. 33). Também Houellebecq, como Galimberti, percebe o limite da vida, mas isso não cancela nele – apesar de sua reflexão parecer absurda – o desejo de ser amado.

“Como é importante sentir-se interpelados pelas perguntas dos homens e mulheres de hoje!”, disse Papa Francisco recentemente, aos participantes do encontro organizado pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização (21 de setembro de 2019). Além do fato de que em muitas ocasiões também são as nossas próprias perguntas, elas nos levam a considerar o contexto cultural em que vivemos. Para responder a essa provocação, Dom Giussani nos propôs um caminho: a experiência.

1. Experiência, a palavra-chave de tudo

“O caminho para a verdade é uma experiência”, foi o que definimos como tema deste verão [europeu]. E agora, depois do que vivemos, podemos responder à pergunta: “É mesmo verdade que o caminho para a verdade é uma experiência?”. Quais foram os fatos que aconteceram com cada um de nós nestes meses que documentam isso? Se não vemos acontecer as coisas de que falamos na nossa experiência, nada nos convencerá – nem a nós nem aos outros – de sua verdade. Eis porque a insistência de Dom Giussani sobre a experiência é tão radical: para ele “a realidade se torna evidente na experiência”, como dizia aos universitários em 1996 (*In cammino. 1992-1998*, Milão: Bur, 2014, p. 311). Por isso – sublinha – “a experiência é a palavra-chave de tudo” (*L'autocoscienza del cosmo*, Milão: Bur, 2000, p. 274).

Conseqüentemente, se não quisermos perder o carisma pelo caminho, precisamos tomar consciência se estamos realmente fazendo experiência. “Qualquer pessoa que não parta da experiência”, reitera Giussani, “engana, quer enganar a si mesmo e aos outros”. E continua: “O homem só pode partir da experiência”, porque “é o lugar onde a realidade emerge [...] em [um] determinado rosto, de acordo com um certo aspecto, de acordo com uma certa flexão” (*ibidem*). É impressionante ver como um niilista obstinado como Houellebecq o testemunha em todo o seu drama: sua reflexão o dizia do absurdo do desejo de ser amado, mas a reflexão não podia fazer nada contra o juízo que surgia nele sem possibilidade de contestação: “O desejo persistia, e tenho que confessar que persiste até hoje”. Neste juízo consiste a experiência. Nada consegue suprimir esse desejo e nada consegue preenchê-lo.

Isso nos mostra, mais uma vez, quão crucial é a indicação do método que Dom Giussani nos dá desde o primeiro capítulo de *O senso religioso*: partir da experiência é a única maneira que nos permite conhecer a nós mesmos e à realidade, entender como as coisas são e libertar-nos da escravidão com relação às imagens, aos esquemas e às reduções às quais sucumbimos tantas vezes, influenciados por coisas externas, pela mentalidade de todos ou pelas nossas conveniências imediatas.

Mas o que é a experiência? “A experiência coincide, certamente, com ‘provar’ alguma coisa, mas coincide sobretudo com o juízo dado a respeito daquilo que se prova. ‘A pessoa é, antes de tudo, consciência. [...] A experiência implica, pois, a inteligência do sentido das coisas’” (L. Giussani, *O senso religioso*, São Paulo: Paco Editorial, 2018, p. 21). Portanto, podemos dizer que o caminho

para a verdade é uma experiência somente se ativarmos a comparação consciente entre o que experimentamos e as exigências que nos constituem. Não é suficiente repetirmos a fórmula como um *mantra* se, no fundo, reduzimos constantemente a experiência ao que provamos, a algo sentimental, ao seu aspecto mais evanescente. A isto sucumbe muitas vezes a própria experiência cristã, o próprio acontecimento cristão. Por isso Dom Giussani se preocupa em nos fazer entender bem o que ele quer dizer com a palavra “experiência”.

“A experiência é um método fundamental por meio do qual a natureza favorece o desenvolvimento da consciência e o crescimento da pessoa. Por isso, não é experiência se o homem, nela, não percebe estar ‘crescendo’ [não é mecânico perceber o que acontece conosco]. Mas, para crescer verdadeiramente, o homem tem necessidade de ser provocado ou ajudado por algo diferente dele, *objetivo*, algo que ‘encontra’” (L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 183).

Este método, que é válido em qualquer área do conhecimento, também se aplica ao conhecimento do Mistério: “Foi por meio de uma experiência verdadeira e objetiva que os homens se aperceberam da presença de Deus no mundo”. Continua Giussani: “São João escreve-o com ímpeto aos primeiros cristãos: ‘De fato, a Vida manifestou-se e nós a vimos, e somos testemunhas, e a vós anunciamos a Vida eterna, que estava junto do Pai e que se tornou visível para nós’. Por meio de uma verdadeira, objetiva [o diz uma segunda vez] experiência, a presença de Cristo na sua Igreja se manifesta na história do homem consciente. Também o encontro com a comunidade cristã ou a verificação da sua mensagem [...], é verdadeira, objetiva [outra vez!, Dom Giussani insiste] experiência (cf. *ibidem*, pp. 183-184). Giussani repete três vezes que o que estamos falando é o objeto de uma “verdadeira, objetiva experiência”. “Verdadeira”, que é eficaz, que não tem nada a invejar a qualquer outra experiência. E “objetiva”, porque é o deparar-me com algo fora de mim, que eu não produzo.

Há uns vinte dias, em Salvador, na Bahia, um amigo contava: “Eu, desde criança, sempre fui próximo ao meio protestante. Depois que eu fiquei mais velho fui batizado por eles e levei a sério aquilo que eles me propunham. Fiquei durante dois anos com eles até que eu não queria mais viver naquela forma que eles decidiam, aí eu larguei e fiquei cerca de um ano questionando e até zombando da religião. Procurei lugares que pregavam razão e ciência contra a religião. Mas dentro disso eu fiquei com duas coisas em mim: uma era o medo de ser jogado no inferno; a outra era algo que me inquietava,

a vida que eu vivia não me satisfazia. Eu queria alguma coisa a mais que eu não sabia o que era. E com essas duas coisas eu comecei a pesquisar sobre outras religiões, sobre essas denominações protestantes, mas eu sempre deixava de lado a Igreja Católica porque pra mim ela estava errada, porque era idólatra, adorava imagens, e eu procurava em tudo menos na Igreja Católica. Até que um amigo meu de infância decidiu me convidar para uma festa à fantasia do grupo de jovens lá do meu bairro. Aí eu fui, pois não era nada religioso, era só uma festa. Mas quando saí da festa eu olhava para a paróquia, olhava para a Cruz, e comecei a me questionar por que eu lia sobre tudo e ignorava a Igreja Católica. E aquela pergunta me fez começar a levar a sério as minhas perguntas, não só começar a ler sobre a Igreja Católica, mas comecei a procurar realmente uma resposta para a minha razão e para o meu coração, que queria alguma coisa que eu não sabia o que era. Se Deus, existi/a ia me dar uma resposta. E nesta minha busca eu comecei a ler sobre a Igreja Católica e comecei a me sentir correspondido. Pra mim fazia sentido. Então decidi me converter, me batizei na Igreja Católica, fiz a primeira comunhão, me crismei, etc., e comecei a participar de grupos, carismas, movimentos. Eu estava feliz, mas queria encontrar mais alguma coisa. Eu queria um lugar pra ficar. E eu continuei a procurar. Eu via muitos sites, principalmente no meu processo de conversão, para saber a doutrina, e o site me ajudava muito nisso: por que padre não casa, por que se confessa, por que as imagens, etc. Mas ao mesmo tempo esse site me deixava muito angustiado porque pintava uma igreja muito acabada, para ter cuidado com o antipapa, coisas do tipo. Até me perguntei: se é assim, de que vale ser católico ainda? Então, continuei minha busca até que eu encontrei uma entrevista de Carrón em que ele dizia: ‘Se você não acha que o Papa Francisco seja a cura, então você não entendeu qual é a doença’ (J. Carrón, entrevista de John L. Allen e Ines San Martin, *CruXnow.com*, 21 de junho de 2017). Eu achei interessante porque era um olhar diferente, pelo menos pra mim, e apesar dos outros sites sempre terminarem a reflexão dizendo: ‘Vamos confiar em Nosso Senhor Jesus Cristo’, a forma como o Carrón dizia saía do papel e se tornava uma esperança viva. Lembro de um trecho da entrevista que me chamou a atenção sobre a importância de sermos testemunhas da fé que vivemos. Aí falava de alguns casais que não eram casados e que começaram a conviver com algumas famílias de CL e, ainda que as famílias não tivessem dito nada sobre a condição deles perante a Igreja, eles decidiram se casar só de verem e se encontrarem com aquelas famílias ali. Então eu disse: isso aqui é interessante pra mim, isso é

o que eu procurava! É como se eu buscasse aquilo ali há muito tempo. Então, eu fui atrás. Quero saber quem é Carrón e quem é esse pessoal. Fui atrás, conheci o pessoal de CL aqui de Salvador e comecei a participar dos gestos que me propunham. Mas eu fiquei porque eu via alguma coisa diferente, pra mim correspondia alguma coisa. Talvez eu não tivesse continuado na Igreja, por toda essa agonia, se não fosse este lugar aqui porque eu passei a ter um novo olhar para a realidade e um novo olhar pra mim, um amor maior”. Surpreende-me que alguém tão apaixonado em busca de uma resposta às necessidades do coração, precisamente por causa de uma lealdade com a sua experiência, não pudesse parar antes de encontrar uma realidade – histórica, objetiva, um rosto concreto da Igreja – capaz de atraí-lo e responder à sua espera constitutiva.

Tendo presente o que foi mencionado até agora, podemos entender porque Giussani tenha confessado, a um certo ponto: “A coisa mais importante que eu disse na minha vida é que Deus, o Mistério, se revelou, se comunicou aos homens de modo tal a tornar-se objeto da experiência deles. O Mistério torna-se *também* objeto da nossa experiência; torna-se objeto de nossa experiência identificando-se com um sinal que é feito de tempo e de espaço” (*L'autocoscienza del cosmo*, op. cit., pp. 164-165). Isso é crucial. “Para que o reconhecessem, Deus entrou na vida do homem como homem, segundo uma forma humana, de modo que o pensamento, a capacidade de imaginação e a afetividade do homem foram como

“Para que o reconhecessem,
Deus entrou na vida
do homem como homem,
segundo uma forma humana,
de modo que o pensamento,
capacidade de imaginação
e a afetividade do homem
foram como que ‘bloqueados’,
magnetizados por Ele”

que ‘bloqueados’, magnetizados por Ele” (L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Milão: Bur, 2019, p. 36). Este, então, é o teste que documenta a presença de Deus na história, ou seja, Cristo operando em nossas vidas: que somos “bloqueados”, magnetizados por Ele.

O Evangelho é uma documentação incrível disso.

“Um fariseu convidou Jesus para jantar. Ele entrou na casa do fariseu e sentou-se à mesa. Havia na cidade uma mulher que era pecadora. Quando soube que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro, cheio de perfume, postou-se atrás, aos pés de Jesus e, chorando, lavou-os com suas lágrimas. Em seguida, enxugou-os com os seus cabelos, beijou-os e os ungiu com o perfume. Ao ver isso, o fariseu que o tinha convidado comentou: ‘Se este homem fosse profeta, saberia quem é a mulher que está tocando nele: é uma pecadora!’. Então Jesus falou: ‘Simão, tenho uma coisa para te dizer’. Ele respondeu: ‘Fala, Mestre’. ‘Certo credor’, retomou Jesus, ‘tinha dois devedores. Um lhe devia quinhentas moedas de prata, e o outro cinquenta. Como não tivessem com que pagar, perdoou a ambos. Qual deles o amará mais?’. Simão respondeu: ‘Aquele ao qual perdoou mais’. Jesus lhe disse: ‘Julgaste corretamente’. Voltando-se para a mulher, disse a Simão: ‘Estás vendo esta mulher? Quando entrei na tua casa, não me ofereceste água para lavar os pés; ela, porém, lavou meus pés com lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Não me beijaste; ela, porém, desde que cheguei, não parou de beijar meus pés. Não derramaste óleo na minha cabeça; ela, porém, ungiu meus pés com perfume. Por isso te digo: os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, pois ela mostrou muito amor. Aquele, porém, a quem menos se perdoa, ama menos’. Em seguida, disse à mulher: ‘Teus pecados estão perdoados’. Os convidados começaram a comentar entre si: ‘Quem é este que até perdoa pecados?’. Jesus, por sua vez, disse à mulher: ‘Tua fé te salvou. Vai em paz!’” (Lc 7,36-50). Aqui está uma mulher totalmente magnetizada por Cristo.

Esta é a grande questão, para nós e para o mundo. Se não somos magnetizados por Ele, de fato, somos uma bomba prestes a explodir, à mercê de nossos pensamentos, à mercê de nossas reações, à mercê de nossa maneira de pensar, de nossa maneira de encarar as coisas. Em resumo, à mercê do nada. A diferença é evidente quando nos deparamos com uma pessoa agarrada até o fundo. Esta é a fé. Tanto é assim que Jesus diz a ela: “Tua fé te salvou”.

2. “Quando o Filho do Homem voltar, ainda encontrará fé sobre a terra?”

Mas então – segunda passagem –, uma vez que este evento aconteceu, que Deus entrou na história como homem,

para se fazer conhecer, a única questão é aquela que nos colocava Dom Giussani no Dia de Início do ano passado, fazendo sua pergunta de Jesus: “Quando o Filho do Homem voltar, ainda encontrará fé sobre a terra?” (Lc 18,8). O nosso problema não é se nos encontrará falando sobre Ele, realizando nossas reuniões ou certos gestos, mas se ainda haverá algum de nós magnetizado por Ele, que se deixou agarrar por Ele até o fundo para não acabar no nada. A condição para que isso aconteça é que aquela Presença que entrou na história permaneça presente, como dissemos na segunda palestra dos Exercícios da Fraternidade. De fato, não pode ser uma tentativa nossa de torná-lo presente. Ele nos garantiu sua permanência na história: “Eis que eu estou com vocês todos os dias, até o final dos tempos” (Mt 28,20). Nosso verdadeiro problema, então, é se estamos abertos para interceptá-Lo no presente, como o amigo de Salvador, sem perder o que está acontecendo: Ele, Aquele que está acontecendo. Não é óbvio que interceptemos sua presença no que acontece e no que contamos entre nós.

Como dizia Dom Giussani no último Dia de Início de Ano, não está em jogo o pertencer a uma associação: podemos participar da associação e não interceptá-Lo. Não é uma associação que resolve o problema do niilismo, da falta de sentido. É apenas a fé. Foi por isso que Dom Giussani nos disse: “É a fé que nós procuramos, é a fé em que queremos penetrar [...] que queremos viver” (“Vivo é algo presente!”, *Passos*, nov/2018, p. 21), porque todo o resto não é capaz de nos magnetizar, de nos livrar do niilismo.

Mas como isso é possível hoje? Exatamente como foi no início: deparando-se em uma presença carregada de significado, que pede da nossa parte uma pobreza, uma disponibilidade para deixar-se surpreender. E é justamente Ele, quando reacontece, que nos torna pobres, que provoca em nós a disponibilidade de nos deixarmos surpreender e agarrar. Porque “sem maravilhamento ficamos surdos ao sublime” (como diz Heschel, citado no capítulo 10 de *O senso religioso*, no trecho escolhido como título do Meeting 2020), ou seja, ficamos surdos ao que acontece.

Por isso Dom Giussani nos convida a nos identificarmos com a origem. “Como fizeram para começar a crer?”. Ele insiste em repropor esta pergunta para que nos identifiquemos com o início, que é o cânone, o paradigma do que aconteceu, como foi documentado nas Sagradas Escrituras: este é o método para todos os momentos do caminho. Eis como responde Giussani: “Não creram porque Cristo falava dizendo aquelas coisas, não creram porque Cristo fez aqueles milagres, não creram porque Cristo citava os profetas, não creram porque Cristo ressuscitou os mortos. Quantas pessoas, a grande maioria, o ouviram falar assim, o ouviram dizer aquelas palavras, o viram fazer

aqueles milagres, e o acontecimento não ocorreu para elas. O acontecimento foi algo do qual o milagre ou o discurso eram articulações, eram segmentos, eram fatores, mas foi outra coisa, mais, mais, tão diferente que deu ao discurso e ao milagre o significado deles” (L. Giussani, “Vivo é algo presente!”, op. cit., p. 24).

Mas, então, por que creram? “Creram por como Cristo apareceu. [...] Creram por causa de uma presença. Não uma presença indistinta ou obtusa, não uma presença sem rosto: uma presença com um rosto bem preciso, uma presença carregada de palavra, ou seja, carregada de proposta”. Ora, como vemos frequentemente, “não qualquer presença com proposta é carregada de significado” (*ibidem*). Ouvimos muitas propostas, mas quais delas são capazes de nos magnetizar?

6

Quando se torna evidente que identificamos uma presença carregada de significado? Quando percebemos que somos magnetizados, tomados: como a mulher pecadora, como no início. E isso acontece apenas diante de “uma novidade radical” que Giussani descreve novamente “com os termos ‘imprevisto’ e ‘imprevisível’: é uma coisa que não existia e que existe, está aí; [...] não podia existir e está aqui”. Uma proposta é carregada de significado quando “envolve [...] a pessoa que carrega aquele significado”, quando coincide com a presença de uma pessoa envolvida com plenitude no significado que carrega. Trata-se de uma presença “irreduzível ao passado” (*ibidem*, pp. 24-25), é uma presença na qual se expressa um a mais, imprevista, imprevisível, que não existia e que existe. Se isso não acontece agora, e se não nos maravilha agora, significa que o cristianismo se tornou um passado para nós. E, ao contrário: “Vivo é algo presente!”, está aí, não podia existir

e está aqui. E o sinal é que, ao nos depararmos com uma certa presença – uma presença não produzida por mim, real, objetiva, fora de mim –, surge em mim, em nós, a pergunta: “Quem é este?” (*Mt 8,27*).

O que essa pergunta descreve é algo que continua a acontecer hoje, também através de nós. Penso nas pessoas que se deparam com a nossa presença enquanto estamos juntos ou sozinhos, nas mais diversas circunstâncias – refiro-me aos muitos encontros ocorridos nas férias das comunidades ou nos locais de trabalho ou na universidade – e, pela diversidade de vida que veem, pela novidade humana que a graça que nos é dada gera em quem a acolhe, se perguntam: “Mas você, mas vocês, quem são? Por que vocês são assim?”. Dois mil anos depois, a mesma pergunta ecoa no mundo.

Mas como a questão pode surgir? Esta pergunta é o epifenômeno, o indício de outra coisa, que não somos nós. O problema está aqui: entender o que significa que alguém se faça esta pergunta. Às vezes, ficamos lá, um pouco atordoados, um pouco sem graça, sem nos perguntar: “O que essas pessoas viram para chegar a se fazer esta pergunta?”. Eles se viram diante de uma presença que expressava um “a mais”, “algo” que ia além das qualidades naturais ou do empenho ou da boa vontade daqueles que tinham diante de si, algo nunca visto antes (“Nunca vi uma humanidade assim!”). Caso contrário, a pergunta não teria surgido. Aquela pergunta documenta uma Presença maior do que nós, que age em nós, em pessoas como nós (“Algo dentro de algo”, dizia Giussani na frase que nos referimos nos Exercícios). A pergunta brota da surpresa diante da “resposta em ato” à sede do coração que é Cristo vivo, ou seja, brota diante da excepcionalidade de Cristo que acontece, mesmo

que ainda não seja reconhecida como tal, por aquilo que é.

Se Cristo não estivesse presente – através de um sinal humano –, não haveria surpresa nem pergunta: essa surpresa que explode na pergunta não pode ser gerada a não ser diante de uma presença viva.

Mas nós também devemos estar presentes, com nossa pobreza, com nossa abertura e disponibilidade, como mendigos que aguardam o acontecimento de uma presença no auge do desejo humano. De fato, podemos estar diante do mesmo fenômeno de diversidade humana e permanecer cegos: aquela excepcionalidade acontece e nós não a vemos, não ficamos surpresos e nenhuma pergunta surge em nós.

Portanto, embora estejamos imersos nessa presença, em vez de crescer naquele maravilhamento que faz com que a pergunta surja, muitas vezes dizemos: “Já sabemos, pffff”. Quando dizem isso, desanimo na hora: nem um pingão de surpresa! Imaginem se podem surgir perguntas! Por esse motivo, se levamos para casa pelo menos esta pergunta: “Quem é este?”, não terá sido inútil vir aqui hoje.

Podemos verificar isso todos os dias: quantas vezes nos surpreendemos e somos magnetizados por uma presença e quantas vezes “falamos sobre ela”, repetindo palavras ou descrevendo fatos – mesmo que sejam espetaculares –, mas sem nos maravilharmos com o “a mais” que acontece diante de nós e sem que surja a pergunta? Isso nos levará ao ceticismo, porque não é mais suficiente saber as coisas certas – o desafio identificado por Galimberti não o permite – e nem mesmo dizer a palavra certa. E “quando Ele voltar” não encontrará em nós alguém que ainda se maravilhe com a Sua presença, que O reconheça realmente presente na carne

de uma humanidade mudada, mesmo se continuarmos pertencendo à associação. Porque aquilo que está em jogo não é a associação, é a fé. E a fé é somente isto: o reconhecimento da Sua presença presente, que continua a acontecer agora como há dois mil anos.

Cristo não está fechado no passado, o seu acontecimento – aquele acontecimento que conquistou cada um de nós, caso contrário não estaríamos aqui – não é mantido em um museu (o Papa Francisco nos havia dito isso na Praça São Pedro, lembram?), não pertence às memórias de um tempo passado: é agora, e é agora na carne! Um passado não é suficiente para tornar a fé interessante hoje para cada um de nós, como não era suficiente no início. Era preciso que algo acontecesse no presente.

“Entraram em Cafarnaum. No sábado, Jesus foi à sinagoga e pôs-se a ensinar [naquela época eles estavam acostumados a ir à sinagoga para ouvir alguém pregar, mas dessa vez ficaram chocados]. Todos ficaram admirados com seu ensinamento [muitos ensinavam, muitos faziam propostas comentando as Escrituras, mas]: ele os ensinava como

quem tem autoridade, não como os escribas. Entre eles na sinagoga estava um homem com um espírito impuro; ele gritava: ‘Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para nos destruir? [até os demônios O reconheciam] Eu sei quem tu és: o Santo de Deus!’. Jesus o repreendeu: ‘Cala-te, sai dele!’. O espírito impuro sacudiu o homem com violência, deu um forte grito e saiu. Todos [pelas palavras e os gestos de Jesus] foram presos de temor [de admiração], e perguntavam uns aos outros: ‘Que é isto? Um ensinamento novo [irreduzível ao passado, já sabido], e com autoridade [daqui nascia um povo novo]. Ele dá ordens até aos espíritos impuros, e eles lhe obedecem!’. E sua fama se espalhou rapidamente por toda a região da Galileia” (Mc 1,21-28). Eles sempre ouviam comentários sobre as Escrituras, mas não ficavam maravilhados. O que fez a diferença foi encontrar uma autoridade à sua frente que, pela novidade do que dizia, levantou a questão: “O que é isso?”. O caráter decisivo desta autoridade nos é testemunhado pelo próprio Dom Giussani. Vamos escutá-lo!

“Se Cristo não estivesse presente – através de um sinal humano –, não haveria surpresa nem pergunta: essa surpresa que explode na pergunta não pode ser gerada a não ser diante de uma presença viva”

7

De uma conversa de Luigi Giussani com um grupo de Memores Domini (Milão, 29 de setembro de 1991)

Transcrição da gravação reproduzida no Dia de Início de Ano em 28 de setembro de 2019 e mantida no Arquivo Histórico da Associação Eclesial Memores Domini. Cf. “A alegria, a letícia e a audácia. Ninguém gera, se não é gerado”, Passos-Litterae communionis, jul-ago/1997.

Luigi Giussani

Qual é o fator mais importante na realidade de povo como povo, na realidade de companhia como companhia, tendo em mente o que meditamos esta manhã, na realidade de povo como povo à qual somos chamados, na realidade de companhia da qual participamos, no lugar da profecia e do grito de que tudo é Deus, o verdadeiro lugar do senso religioso?

O fator mais importante do povo como povo, da companhia como companhia, é o que chamamos de “a autoridade”.

É profundamente necessário destruímos, até a última pedra, a imagem robotizada de autoridade ou de guia, quase como se fosse um indivíduo, [como] se tratasse de indivíduos fechados dentro de uma torre da qual guiam, da qual lançam sinais, da qual guiam o andamento das coisas.

A autoridade, o guia, é justamente o contrário do poder, não existe nela nem uma vírgula, nem um ponto da palavra poder. Por isso, está completamente ausente, diante do conceito de autoridade no povo de Deus, em qualquer nível, está completamente ausente, qualquer reflexo de temor: porque ao poder corresponde o

temor, e a pessoa, para se libertar do temor, deve estar pouco se importando com o poder.

O que é essa autoridade? Vou dar uma definição. [A autoridade] é o lugar – porque você também é um lugar, uma pessoa também é um lugar –, é o lugar onde a luta para afirmar, a luta da profecia e a verificação da profecia, o lugar onde a luta e a verificação da resposta que a nossa proposta, que a proposta de Cristo é para a percepção do coração... a autoridade é o lugar onde a luta para afirmar e a verificação para confirmar que a proposta de Cristo é verdadeira, ou seja, é resposta à percepção, às exigências do coração (ao senso religioso, [que] consiste nas exigências do coração, que acusa a resposta que tem na sua frente), é mais límpida e mais simples – e por isso não provoca temor –, é mais pacífica. A autoridade é o lugar onde a verificação entre a percepção, entre as exigências do coração e a resposta que é dada pela mensagem de Cristo é mais límpida e mais simples, e portanto mais pacífica.

Num texto que citei várias vezes nos últimos tempos, Pasolini diz que os homens não são educados, que os jovens não são educados: se alguém os educa, educa-os com seu ser, não com seus discursos.

A autoridade é o lugar onde o nexa entre as exigências do coração e a resposta dada por Cristo é mais límpido, é mais simples, é mais pacífico. [Isso] indica que a autoridade é um ser, não uma fonte de discursos. O discurso também é parte da consistência do ser, mas somente como reflexo. Enfim, a autoridade é uma pessoa que, ao ser vista, mostra que o que Cristo diz corresponde ao coração. O povo é guiado por isto.

Então, a segunda ideia é que a questão não é seguir... A questão é seguir, mas não é completa e perfeitamente indicada pela palavra “seguir”: é mais indicada pela palavra “filiação”. Uma pessoa é filha da autoridade. Um filho herda a estirpe do pai, torna-a sua, é constituído pela estirpe que lhe vem do pai, é constituído pelo pai. Por isso, ele é totalmente tomado. A autoridade me toma todo, não é uma palavra que me dá medo ou me faz temer, ou que eu “sigo”. Ela me toma. Por isso, então, a palavra “autoridade”... é a palavra “autoridade” que poderia ter como sinônimo a palavra “paternidade”, capacidade de gerar, geração, comunicação de *genus*, de uma estirpe de vida. A estirpe de vida é o meu eu investido e tornado diferente por esse relacionamento.

A palavra “autoridade”, que corresponde à palavra “paternidade”, é seguida pela palavra “liberdade”, gera liberdade. Ser filho é a liberdade. De fato, o Evangelho diz em vários pontos: “Dize-me – diz Jesus a Pedro –, cabe ao filho do rei pagar tributos ao rei? Não, cabe aos servos, pois o que é do pai é do filho”.

Assim, a autoridade é verdadeira ou é realmente experimentada como tal, quando faz explodir a minha liberdade, faz explodir a minha consciência pessoal e a minha responsabilidade pessoal, a minha consciência e a minha responsabilidade pessoais.

Por isso, como justamente me foi observado, quando Jesus se voltou e disse: “Vós, quem dizeis que eu sou?”, e Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo”, a pergunta de Cristo fez Pedro passar de uma lógica de amigo – antes era um amigo, um conhecido – para uma responsabilidade de consciência pessoal, para uma posição de responsabilidade pessoal. Foi com a sua responsabilidade que ele disse: “Tu és o Cristo, o filho do Deus”: a amizade que tinha com Cristo tornou-se naquele momento, foi repentinamente iluminada pela consciência pessoal e pela responsabilidade, pela consciência e pela responsabilidade que a exprimiam.

Não há relacionamento com um lugar de autoridade, com quem é autoridade, se a pessoa não sente explodir sua própria liberdade em consciência pessoal e em responsabilidade pessoal.

Terceiro: a autoridade, então, se for fonte de liberdade, torna-se lugar de conforto e faz com que a companhia toda, o povo todo se torne lugar de conforto. Em que sentido? Lugar de conforto, pois, se eu vejo alguém em quem Cristo venceu, vence, sobressai, convence e muda, mostra o quanto é correspondente às exigências do coração; se alguém me faz ver isso, me documenta isso, se eu, vendo-o, entendo que nele isso acontece, então começo a entender que também na companhia isso ocorre; então – como quer que eu seja, seja qual for o estado de ânimo em que eu esteja, quer tenha dado poucos ou muitos passos – fico preenchido de conforto: “Os teus preceitos são fonte de alegria”, de conforto, pois Cristo vence.

A autoridade é o lugar onde fica evidente que Cristo vence. Que quer dizer que Cristo vence? Quer dizer que Cristo demonstra, até na aparência, até nas margens da aparência, que corresponde, que corresponde às exigências do coração de maneira persuasiva, de maneira profética. Isso acontecerá também comigo. Parece impossível. Para aquela pessoa ali que é autoridade também era impossível e agora é possível, é real. Cristo vence.

A autoridade é, portanto, lugar de paternidade, onde a vida nova – que é aquela em que Cristo responde ao coração, [àquilo] para o qual o homem é feito, onde Cristo responde ao coração – é mais límpida, mais límpida e mais clara. Esta é a verdadeira autoridade. Por isso, a frágil mulher que oferece uma moeda no cofre do templo de Jerusalém pode ser mais autoridade do que o chefe dos fariseus.

Essa autoridade paterna, geradora, demonstra-se na experiência de uma maior liberdade, consciência pessoal e responsabilidade pessoal, de modo que mesmo que todos fossem embora, mesmo que todos fossem embora de vez, e todos traíssem – como dizia, como disse um trecho maravilhoso que citei no último dia do ano, no primeiro dia do ano –, se todos traíssem, eu te digo: “Sim!”. Consciência e responsabilidade pessoal. E por isso a autoridade é o lugar de conforto, onde se vê que Cristo vence. Assim, a autoridade realiza o seu verdadeiro mandato, porque exalta o povo, faz entender que todo o povo e toda a companhia é o lugar onde Cristo vence. ■

Carrón

A autoridade é o fator mais importante da realidade de um povo, porque sem autoridade não se gera um povo. Por isso, cada um de nós é chamado a reconhecê-la onde ela está, porque – como acabamos de ouvir – “a frágil mulher que oferece uma moeda no cofre do templo de Jerusalém pode ser mais autoridade do que o chefe dos fariseus”. Onde ela se manifesta? A autoridade “é uma pessoa que, ao ser vista, mostra que o que Cristo diz corresponde ao coração”, e por isso é um conforto para todos nós, qualquer que seja o ponto da estrada em que nos encontramos.

Durante uma Escola de Comunidade uma amiga contou: “Por motivos pessoais, no ano passado eu decidi deixar o Movimento e cancelar a inscrição na Fraternidade. E vocês devem estar se perguntando: ‘E, então, o que você está fazendo aqui?’. No último mês de maio, na minha vida aconteceu um fato que pode parecer muito banal: sofri um acidente enquanto eu ia tomar um aperitivo com os amigos. Como o choque foi muito violento, me levaram para o hospital, onde vivi uma espera maravilhosa, porque ali aconteceu algo que me trouxe até aqui hoje. Marquei os pontos que eu gostaria de sublinhar no livrinho dos Exercícios: ‘De onde é que me vem tudo isso? Precisamos entender bem de onde nos vem, senão por que teríamos que voltar para cá? Vem-nos de Cristo vivo’.

“A autoridade é uma pessoa que, ao ser vista, mostra que o que Cristo diz corresponde ao coração”

E depois a parte sobre o lugar. Por volta das duas da madrugada recebo a visita de um médico. Eu estava com muito medo, temendo que pudesse ter acontecido algo grave. O que eu jamais vou esquecer é o olhar daquele médico, que me olhou com tal humanidade que eu me perguntei: ‘Mas quem é você que me olha desse jeito?’. E ali abriu-se para mim um link: ‘Estou vivendo aquele jeito de reconhecer que não é a pessoa, que o que está diante de mim é algo que está me indicando uma outra coisa’. Se eu tinha entrado na triagem do hospital por causa do acidente, de lá saí ‘investida’ por aquele olhar. Nos dias seguintes, eu tinha em mente aquele olhar e aquela pergunta. A um certo ponto, comecei a perturbar a secretaria do Movimento para retomar os contatos, porque aquele tipo de olhar eu já havia visto e reconhecido, e o modo de reconhecer aquele olhar eu havia aprendido só na educação do Movimento. O que aconteceu comigo é um fato objetivo, uma coisa real. Depois daquela acidente, as pessoas me diziam: ‘Você está com um olhar diferente, você é mais você mesma. O que aconteceu?’. Eu não conseguia explicar e, assim, comecei a procurar de novo o Movimento. Por quê? Porque não queria mais perder aquilo que eu tinha encontrado! Queria manter aquele reconhecimento e o único lugar que podia me ajudar era a Escola de Comunidade, porque aqui fui educada a reconhecê-Lo, a vivê-Lo”.

Eis aí uma pessoa na qual Cristo venceu. “A autoridade me toma todo”, ouvimos de Dom Giussani, é totalizante: estou de tal modo maravilhado que Cristo vença assim em alguém – seja quem for –, que só posso desejar entregar tudo, não posso evitar ser totalmente tomado. A autoridade me toma todo. Como me escreve um de vocês: “A minha vida é um contínuo recomeçar a partir do reconhecimento dessa Presença, de uma determinada Presença. Só daí pode nascer o entusiasmo, a alegria, a letícia no viver. Uma Presença que é capaz de conseguir de mim algo que nenhum outro conseguiria. Só Cristo é capaz de obter de mim uma adesão, uma afeição, um amor não comparável com nenhuma outra coisa”. Vocês entendem por que essa é a única coisa que pode vencer o niilismo?

Mas esse fato de me tomar todo, paradoxalmente, ao invés de me tornar mais escravo me torna finalmente livre. A autoridade é “fonte de liberdade”, “faz explodir a minha liberdade”. “Este homem, sim, é que fala com autoridade”. Mas quem é a autoridade? A propósito, há uma frase de Dante, no terceiro canto do *Paraíso*, que é deliciosamente perfeita: “*Volsesi al segno di maggior disio*” (“Voltou-se para o sinal de maior desejo”), voltou-se para o sinal, para aquela face que era mais plena de desejo

e que, portanto, lhe suscitava mais desejo. A autoridade é um rosto novo, cheio de *maggior disio*, que desperta em nós um *maggior disio*. Continua Dom Giussani: “É só quando encontramos a autoridade que o autêntico contentamento começa a entrar pela nossa porta, a ultrapassar a soleira da nossa personalidade: olhando aquele rosto humano novo a pessoa percebe uma *correspondência* com o que o coração espera, e por isso descobre o contentamento. Sem autoridade não há contentamento: haverá ‘satisfação’ ou, se se preferir, ‘prazer’, mas não o contentamento humano da liberdade, do pensamento e do coração, dos olhos e da palavra” (*L'avvenimento cristiano*, Milão: Bur, 2003, pp. 16-17).

Somente se Cristo tiver tal domínio de nós é que poderemos arriscar como a pecadora, que testemunhou a liberdade de ser ela mesma diante do olhar de todos, sem se deixar levar pelas fofocas, pelas opiniões, pelas reações dos outros que estavam em volta. Nenhum medo a detém, nenhum compromisso com a mentalidade de todos. Não tem nada a perder. Todos a consideram pecadora, e então o que tem a perder? Por isso pode ter a audácia de se deixar investir até o fundo por Cristo. Não fechada no seu quarto, mas diante de todos. Suscitando a reação de todos. Inclusive de Jesus. Mas Ele não se confunde, sabe quem ela é. E através do modo como a olha, do Seu modo de reagir, transparece a Sua diversidade única. Surpreendente.

Essa liberdade, hoje, é decisiva para educar, para arriscar querer bem sem a posse, com aquela distância que torna possível a comunicação da Sua presença, sem colocar a nossa humanidade no freezer, para não reduzir o cristianismo a valores “puros demais, pálidos demais” – dizia De Lubac – para magnetizar e despertar o interesse no centro do eu (*Il dramma dell'umanesimo ateo*, vol. 2, in Idem, *Opera omnia*, Milão: Jaca Book, 1992, p 59).

É por isso que a pessoa quer se tornar filho, participando da “estirpe de vida” da qual é investida, aquela na qual vê Cristo vencer. “A estirpe de vida é o meu eu investido e tornado diferente por esse relacionamento”. O filho é livre para irradiar a diversidade que carrega, recebida de um outro que o gera constantemente. Como diz São Paulo: “Nós, de fato, não anunciamos nós mesmos, mas o Senhor Jesus Cristo”. Mas como O anuncia? “Quanto a nós, somos os vossos servidores por causa de Jesus. E Deus, que disse: ‘Brilhe a luz em meio às trevas’, brilhou em nossos corações, para fazer resplandecer o conhecimento da glória de Deus no rosto de Cristo. Trazemos esse tesouro em vaso de barro, para que todos reconheçam que este poder extraordinário vem de Deus e não de nós” (2Cor 4,5-7).

3. Ninguém gera, se não é gerado agora

A autoridade é uma paternidade presente, como acabamos de escutar de Dom Giussani.

Isto é particularmente decisivo para cada um de nós: “A pessoa não pode ser pai, geradora, se não tem ninguém como pai. Não [atenção] se ‘não teve’ [um pai], mas se ‘não tem’ [no presente] ninguém como pai. Pois, se não tem ninguém como pai, quer dizer que não se trata de um acontecimento, [...] não é uma geração. A *geração é um ato presente*” (L. Giussani, “A alegria, a letícia e a audácia. Ninguém gera, se não é gerado”, *Passos-Litterae communionis*, jul-ago/1997, p. XXVI). E isto se vê de longe. Quem tem um pai? Quem é gerado agora. Como quando vamos a casa de uma família, e ali vemos quem é filho, quem é gerado naquele momento e quem não é; quem não é gerado se defende, está cheio de medo do pai.

Então, “a posição diante do outro é uma posição permanente, mas a realização da paternidade como conteúdo da posição permanente é algo presente. Ter um pai é uma posição permanente, pois pertence à história da pessoa. Se, em 1954, eu não tivesse entrado no Colégio Berchet e tivesse entrado em um outro colégio, teria sido uma história completamente diferente. A posição é permanente, mas a geração – que é a coisa interessante da paternidade – é presença, é algo presente. Por isso, a pessoa não pode ser geradora se não tem um pai, senão na medida em que tem um pai, senão na medida em somos gerados”, porque “a pessoa que não tem pai é ‘afetivamente deficiente’. E a pessoa afetivamente deficiente teve um pai, mas não o tem no presente. A paternidade pessoal, a paternidade gera o eu; aliás [...] gera não o eu, mas a ação do eu” (*ibidem*).

Por isso, conclui Dom Giussani: “Ninguém gera, se não é gerado. Não ‘se não foi gerado’, mas ‘se não é gerado’. Este conceito de paternidade é o conceito mais combatido de toda a cultura iluminista” (*ibidem*), e também entre nós, que muitas vezes pertencemos a esta mentalidade.

Consequentemente, para poder gerar hoje – os pais, os filhos; os professores, os alunos –, para poder recomençar como foi no início, para poder contribuir neste momento dramático da história, não é suficiente a recordação de um passado, precisamos de uma paternidade presente. Para poder gerar hoje é preciso uma presença presente, irreduzível ao passado, que expresse um “a mais”, um imprevisto, um imprevisível, algo que não existia e que está ali.

Papa Francisco disse recentemente aos missionários do Pime: “Evangeliização é testemunho de Jesus Cristo, morto e ressuscitado. É Ele quem atrai. É por isso que a Igreja

crece por atração e não por proselitismo, como disse Bento XVI” (*Discurso no Capítulo geral do Pime*, 20 de maio de 2019).

Mas onde isso acontece? Onde Ele fascina? Onde Ele atrai? Fascina e atrai lá onde a pessoa se vê diante de uma presença concreta como a sua, por isso lhe pergunta: “Por que você é assim?”. “Quem é esse homem?”. Pergunta ao ver você, agora, no presente.

Você, por aquilo que você é, com a sua vida, anuncia Jesus Cristo, faz ver Jesus. Como diz Pasolini (citado por Dom Giussani) em termos laicos, referindo-se ao fenômeno educativo: “Se alguém [...] o tivesse educado, não poderia tê-lo feito a não ser com o seu ser, não com as suas palavras” (*Lettere luterane*, Turim: Einaudi, 1976, p. 44). Esta é a missão: que Cristo se torne visível através da minha pessoa, do meu modo de estar na realidade, isto é, que eu seja testemunha dessa Sua geração, que me fez assim, que me tornou assim, que me gerou assim, com este modo de ver e de encarar as coisas: um filho, da mesma estirpe do pai.

Um universitário me contou que há algum tempo, no apartamento em que vive, chegou um jovem que trabalha. Não frequenta a Igreja e, por motivo de trabalho, leva uma vida bastante diferente da dele, vai dormir muito tarde e nunca está presente no jantar. Em suma, parecia que estava estacionado ali no apartamento, nada mais que isso. Até que uma noite chegou para o jantar um amigo que, maravilhado com o que estava vendo, começou a dizer: “Mas que belo apartamento!” e a notar coisas que ele, que morava ali, não havia observado. A certa altura, sai do seu quarto o jovem trabalhador – ninguém sabia que ele estava em casa – senta-se à mesa e o amigo começa a falar com ele. O universitário não dá importância, mas na manhã seguinte o amigo lhe telefona e diz: “Olha, aquele jovem tem uma grande busca, ele certamente viu alguma coisa em vocês”. E ele: “Eu acho que não...”. Naquela mesma manhã o universitário decide tomar banho de rio e mesmo sem muita convicção diz ao jovem trabalhador: “Quer ir também?”, e ele: “Sim, vou sim”. Chegando ao rio, o jovem trabalhador começou a contar o que foi para ele chegar nesse apartamento: “Eu logo percebi que havia algo diferente entre vocês”. Ninguém havia dito a ele que muitos ali eram do Movimento. No quarto que alugou, ele encontrou o livro *A voz única do ideal* (J. Carrón, Lisboa: Ed. Paulus, 2018) que era do estudante que morava ali antes. “Li todo – acrescentou – e depois o dei de presente ao meu irmão, que está terminando o ensino médio, porque é disso que ele precisa”. Então, lhe disse: “Eu gostaria de conhecer vocês”; e acrescentou: “Você me ensina a rezar?”. O universitário me dizia, ao concluir: “Na noite anterior

“Esse é o drama.
Podemos não captar
o que está acontecendo agora,
ao passo que os últimos o
captam”

eu havia pensado em sugerir aos outros da casa fazer uma oração no final do dia, mas depois pensei: mas tem ele, vou deixar pra lá, vou evitar, por que lhe interessaria rezar? É isso, eu não via algo que aquele hóspede amigo havia logo visto; menos mal, porque a sua abertura de olhar alcançou também a mim”.

Que pobreza é necessária para nos deixarmos gerar pelo último que chega! De fato, qual é o risco que geralmente corremos, como acabamos de ver nesse caso? A obviedade. Como se vê isso? A partir do fato de que em nós não há mais maravilhamento. Vemos coisas espetaculares, as temos diante dos nossos olhos, debaixo do nosso nariz, mas nem percebemos, não nos damos conta verdadeiramente do que está acontecendo enquanto acontece. Não conseguimos ver onde Cristo está vencendo, bem diante dos nossos olhos.

Acontece também agora o que acontecia no início, como conta o Evangelho: “Tendo entrado em Cafarnaum, vem ao seu encontro um centurião que lhe implorava e dizia: ‘Senhor, o meu servo está em casa, no leito, paralisado e sofre terrivelmente’. Jesus lhe disse: ‘Vou vê-lo e o curarei’. Mas o centurião respondeu: ‘Senhor, eu não sou digno de que entreis sob o meu teto, mas digei uma só palavra e o meu servo ficará curado. Embora eu também seja um subalterno, tenho soldados sob minhas ordens e digo a um Vai!, e ele vai; e a um outro Vem!, e ele vem; e a meu servo Faz isto!, e ele o faz’. Ao ouvi-lo, Jesus ficou maravilhado e disse aos que o seguiam: ‘Em verdade vos digo, em Israel não encontrei ninguém com tão grande fé’. Viu isso num pagão! Em Israel não encontrou ninguém como uma tão grande fé. Por isso Jesus acrescenta: ‘Agora eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente [os últimos, os pagãos] e se sentarão à mesa com Abraão, Isaac e Jacó no reino dos céus, enquanto que os filhos do reino [isto é, aqueles que tinham sido chamados primeiro] serão deixados lá fora’ (Mt 8,5-12). E não porque Ele os expulsou, como uma punição, mas porque

“Só fazendo experiência de uma paternidade é que podemos comunicar a quem nos encontrar pelo caminho a resposta ao vazio de sentido”

12

eles próprios se excluem, por não O terem reconhecido. Os últimos podem reconhecer, como o centurião, o que os filhos – a quem, antes de todos, é destinado o anúncio de Jesus – não reconhecem.

Esse é o drama. Nós, “os filhos do reino”, que também comemos e bebemos com Ele, tendo participado da vida da comunidade cristã, podemos não captar o que está acontecendo agora, ao passo que os últimos o captam. E assim perdemos a novidade que Cristo está introduzindo na história – não no passado, mas agora –, aquela novidade que justamente os que chegaram por último reconhecem, ao passo que nós estamos aí a discutir “as nossas coisas”, e assim sucumbimos à *mentalidade de todos*, sucumbimos às regras. Faltando o maravilhamento, sucumbimos às regras, às estratégias, como disse o Papa João Paulo I, naquela frase que Dom Giussani citou muitas vezes: “O verdadeiro drama da Igreja que ama definir-se moderna [isto é, dos cristãos que no fundo cedem à mentalidade de todos] é a tentativa de corrigir o maravilhamento do evento de Cristo com regras” (João Paulo I, *Humilitas*, n. 3/2001, p. 10). Comenta Dom Giussani: “Quando nos subtraímos ao maravilhamento [isto é, quando não nos maravilhamos mais com nada e não reconhecemos o que está acontecendo enquanto acontece, isto é, o acontecimento de Cristo que suscita e faz emergir a sua face] [...], não se pode evitar que a própria vida, segmentada, se sujeite à escravidão das regras” (*In cammino. 1992-1998*, op. cit., pp. 107-108).

Ao contrário, “o acontecimento cristão é um encontro com uma realidade humana que veicula a evidência de uma correspondência do divino – que se curvou e entrou na nossa vida – aquilo que somos. Esse encontro abre meus olhos para mim mesmo, suscita um desvelamento de mim, *demonstra-se correspondente* ao que sou: *me faz tomar consciência* do que sou, do que desejo, porque me faz entender que o que traz é justamente o que eu desejo [...]. Como se dissesse: “Olha [olha!] o que você é, e depois diga-me se eu não correspondo a você: é só porque

você não se conhece que pode crer que não correspondo a você, e preferir outra coisa como significado do seu eu” [isto é, você pode Me perder]” (*ibidem*, pp. 111-112).

Giussani nos adverte, enfim, para o perigo que sempre paira sobre nós. Qual perigo? O de pensar que podemos nos desenvolver mantendo autonomia em relação ao pai: “À medida que passa o tempo, o perigo é que nos desenvolvamos como se desenvolve o filho em relação ao pai: que faz o seu caminho prescindindo do pai” e assim “os filhos não são mais filhos do pai: são momentaneamente discípulos [vejam que descrição perfeita: muitas vezes nós somos “momentaneamente discípulos”] para poder agir; quando podem agir fazem por própria conta [quando podemos agir, fazemos por nossa conta, fazemos de bom grado sem o pai]. [...] Ao invés, se alguém é filho, cresce e traz todo o novo para o que o pai dizia” (Notas do Conselho de presidência de CL, Milão, 24/julho/1992, conservados na Secretaria Geral de CL, Milão).

Esse é o desafio que temos diante de nós neste momento: viver a tensão de interceptar aquela presença que nos gera, aquelas autoridades que vencem o niilismo, uma presença de tal modo excepcional que nos leva a perguntar: “Quem é este?”.

“Deus nos ama”, disse recentemente o Papa Francisco, “fez-se mais próximo do que poderíamos imaginar, assumiu a nossa carne para nos salvar. Esse anúncio é o coração da fé, deve preceder e animar cada iniciativa nossa. Nós existimos para tornar palpável essa proximidade. Mas não podemos comunicar a proximidade de Deus sem fazer a experiência d’Ele, sem experimentá-la todos os dias...” (*Discurso aos Bispos participantes do Curso de formação promovido pela Congregação para os Bispos e pela Congregação para as Igrejas Orientais*, 12 de setembro de 2019). Só nos tornando filhos, só fazendo experiência de uma paternidade é que podemos testemunhar-nos reciprocamente e comunicar a quem nos encontrar pelo caminho a resposta ao vazio de sentido que domina hoje. ■